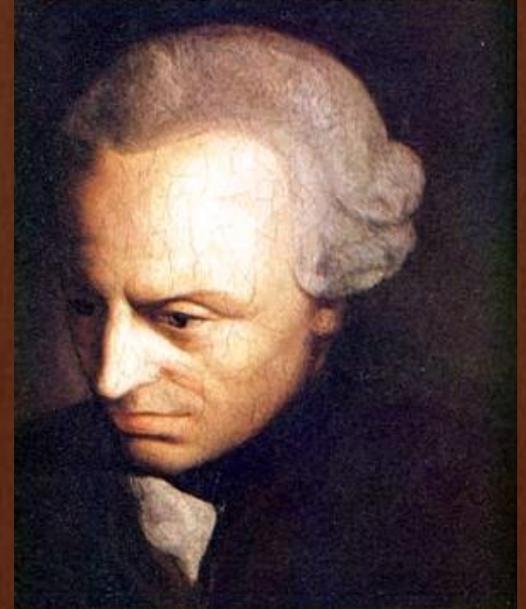


---

---

Immanuel Kant  
(1724-1804)



- Kant nasceu, viveu e morreu em Königsberg, uma cidade da Prússia Oriental (Alemanha).
- Filho de um comerciante de descendência escocesa.
- Frequentou a Universidade como estudante de filosofia e matemática.
- Dedicou-se ao ensino, vindo a desempenhar as funções de professor na Universidade de Königsberg.
- Foi um filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna.
- Morreu aos 80 anos.



**Sua obra pode ser dividida em dois períodos fundamentais: o pré-crítico e o crítico.**

**O pré-crítico:**

O primeiro período(até 1770) corresponde à filosofia dogmática, influenciada por Leibniz e Wolf.

**O crítico:**

O segundo período corresponde ao despertar do "sono dogmático" provocado pelo impacto que nele teve a filosofia de Hume.

---

# A Ciência e a Metafísica

---

No campo filosófico as investigações sobre a realidade pertencem a **metafísica**, que busca a realidade fundamental das coisas ou seja a sua essência. Nesse sentido surge uma investigação mais específica pelo **ser**.

O ser é um termo usado para se referir a qualquer coisa que existe. Por exemplo, sabemos que uma pedra é um ser, como uma mesa também é, mas sabemos que os dois não podemos confundi-los um com o outro, e assim percebemos que cada ser tem uma coisa essencial que os diferencia, que os constitui e os determina.

Dessa forma, um ser pode ser definido como aquilo que uma coisa é ou tem, que lhe é próprio e que não depende de outros seres para existir.

Então, Immanuel Kant passou a adotar a expressão “**coisa em si**”, que nada mais é do que no primeiro sentido seria a coisa, e no segundo o que ela é.

# Método



O método de Kant é a "crítica", a análise reflexiva. Consiste em remontar do conhecimento às condições que o tornam eventualmente legítimo.

Considerado o maior filósofo do iluminismo alemão, para ele a filosofia deveria responder a quatro questões fundamentais:

O que posso saber? Como devo agir? O que posso esperar? E, por fim, o que é o ser humano?

---

# A Teoria do Conhecimento

---

- Existiu a **teoria do racionalismo** , que atribui exclusivamente confiança à *razão humana* como instrumento de conhecer a verdade.
- Também existiu a **teoria do empirismo** que diz que todas as nossas ideias vem das nossas experiências e depois de nossas percepções sensoriais (visão, audição, tato, paladar e olfato).
- E por ultimo a **teoria do apriorismo kantiano**, que é como um meio termo entre racionalismo e empirismo, que foi formulada pelo filósofo Immanuel Kant.

Kant afirmava que todo conhecimento começa com a experiência, mas que a experiência sozinha não nos dá o conhecimento. A experiência forneceria a matéria do conhecimento, enquanto a razão organizaria essa matéria de acordo com suas formas próprias, com as estruturas existentes no conhecimento.

Em sua Teoria do Conhecimento, Kant classificou o tangível e o abstrato em dois grupos:

- **Aquilo que podemos conhecer-** são coisas que as pessoas podem presenciar, tocar, ver e experimentar, como uma mesa ou um cachorro.
- **Aquilo que são por si desconhecidas-** como Deus e o conceito de liberdade, cujas existências, segundo Kant, se baseiam em pressuposições necessárias.

---

# Teoria da moral e ética

---

A filosofia moral de Kant afirma que a base para toda razão moral é a capacidade do homem de agir racionalmente.

O fundamento para esta lei de Kant é a crença de que uma pessoa deve comportar-se de forma igual a que ela esperaria que outra pessoa se comportasse na mesma situação, tornando assim seu próprio comportamento uma lei universal.

# Obras Importantes



---

# O que é Ilustração

---

Nesta obra, Kant sintetiza seu otimismo iluminista em relação à possibilidade de o ser humano por sua própria razão, sem se deixar enganar pelas crenças, tradições e opiniões alheias .

Nela, ele descreve o processo de ilustração como sendo a saída do ser humano da sua menoridade, ou seja, um momento em que o indivíduo, como uma criança que cresce e amadurece, torna-se consciente da força e independência de sua inteligência para fundamentar sua própria maneira de agir, sem a doutrinação ou a tutela de outro ser.

Nesse sentido o ser humano, como ser dotado de razão e liberdade, é o centro da filosofia kantiana.

---

# *Crítica da Razão Pura*

EXPLICA AS INTENÇÕES CRÍTICAS DE KANT  
CONFESSA QUE HUME O HAVIA DESPERTADO, PELA  
PRIMEIRA VEZ, DO SEU “SONHO DOGMÁTICO” E  
INSTITUI O QUE FICOU CONHECIDO COMO “ TRIBUNAL  
DA RAZÃO”.

---

# Qual é o sentido da Crítica à Razão para Kant?

A crítica se contrapõe a um tipo de *dogmatismo*, em que o uso da razão não se submete a uma crítica precedente da sua própria capacidade.

“A crítica não é contraposta ao *procedimento dogmático* da razão no seu conhecimento puro como ciência (...), mas sim ao *dogmatismo*, isto é, à pretensão de progredir apenas com um conhecimento puro a partir de conceitos (o filósofo) segundo princípios há tempo usados pela razão, sem se indagar contudo de que modo e com que direito chegou a eles.” (CRP)

“O espírito da meticulosidade não se extinguiu na Alemanha, mas foi somente sufocado por algum tempo pelo modismo de uma liberdade de pensamento às raias do genial, e que as espinhosas veredas da crítica conduzem a uma ciência escolástica da razão pura, mas como tal a única duradoura e e por isso absolutamente necessária, não impediram as cabeças corajosas e lúcidas de se apoderarem dela.” (CRP)

**A crítica é necessária para promover uma Metafísica fundamental como ciência e realizar sua obra de modo inteiramente a priori.**

**Resumindo: o que conduziu Kant à idéia crítica não foi a rejeição das conclusões metafísicas, mas sim, a consciência da incerteza dessas conclusões e da fraqueza dos argumentos em que assentavam.**

*"O assunto desta crítica da razão pura especulativa consiste naquela tentativa de transformar o procedimento tradicional da Metafísica e promover através disso uma completa revolução da mesma, segundo o exemplo dos geômetras e investigadores da natureza."*

(CRP)

# Como é possível Conhecer?

- Há duas formas de conhecimento:
  - **Empírico ou *a posteriori*** (dados oferecidos pela experiência).
  - **Puro ou *a priori*** (não depende de nenhuma experiência sensível e distingue-se do conhecimento empírico pela universalidade e necessidade).

A experiência sensível por si só jamais produz juízos necessários e universais. Todas as vezes em que se está diante desse tipo tem-se um conhecimento puro ou *a priori*. Por exemplo na proposição “a linha reta é a distância mais curta entre dois pontos”. Nessa proposição nada se afirma a respeito de determinada linha reta, mas de qualquer linha reta (universalidade); por outro lado, não se declara que a linha reta é a mais curta em certas condições, mas sem quaisquer condições (necessidade).

# Conhecimento: analítico e sintético

**Juízo Analítico:** o predicado já está contido no sujeito de tal forma que o juízo em questão consiste apenas em um processo de análise, através do qual se extrai do sujeito aquilo que já está contido nele. Ex: Os corpos são extensos

**Juízo Sintético:** une o conceito expresso pelo predicado ao conceito do sujeito, constituindo o único tipo de juízo que enriquece o conhecimento. Ex: todos os corpos se movimentam

# Os três Tipos de Juízos

**Juízos Analíticos**: não teriam maior interesse para a teoria da ciência, pois, embora universais e necessários, não representam nenhum enriquecimento do conhecimento. São tautológicos.

**Juízos sintéticos a posteriori**: também carecem de importância, pois por depender da experiência são contingentes e particulares.

**Juízos sintéticos a priori**: Universais e necessários; enriquece e faz progredir o conhecimento porque independem da experiência. É o juízo sobre o qual se funda a ciência.

# Problemas

- Como são possíveis os juízos sintéticos *a priori* na matemática?
- Como são possíveis os juízos sintéticos *a priori* na física?
- São possíveis os juízos sintéticos *a priori* na metafísica?

- Kant solucionou esses problemas mediante uma revolução (semelhante à de Copérnico na astronomia) no modo de encarar as relações entre o conhecimento e seu objeto. **A revolução consistiria em, em vez de admitir que a faculdade de conhecer se regula pelo objeto, mostrar que o objeto se regula pela faculdade de conhecer.**
- A Filosofia deveria, então, investigar a possível existência de certos princípios *a priori*, que seriam responsáveis pela síntese dos dados empíricos. Estes, por sua vez, deveriam ser encontrados nas duas fontes de conhecimento, que seriam a sensibilidade e o entendimento.

- Na *CRP*, Kant mostra que **tempo e espaço** são formas fundamentais de percepção (formas da sensibilidade) que existem como ferramentas da mente, mas que só podem ser usadas na experiência.
- Tente imaginar alguma coisa que existe fora do tempo e que não tem extensão no espaço. A mente humana não pode produzir tal idéia. Nada pode ser percebido exceto através destas formas, e os limites da física são os limites da estrutura fundamental da mente. Assim, já vemos que não podemos conhecer fora do espaço e do tempo.

## **Faculdades:**

### **Sensibilidade – Entendimento - Razão**

*“O nosso conhecimento procede de duas fontes fundamentais do espírito: a primeira é o poder de receber representações (receptividade ou sensibilidade) a segunda, o de conhecer por meio dessas representações (espontaneidade dos conceitos ou entendimento). Pela primeira um objecto é-nos dado, pela segunda, ele é pensado. Intuições e conceitos constituem os elementos de todo o nosso conhecimento de maneira que um sem o outro, podem dar conhecimento”. (CRP)*

# Espaço e Tempo

São duas as formas *a priori* da sensibilidade: Espaço e Tempo. São apriorísticas e, portanto, independentes da experiência sensível.

**Espaço:** não é porque o sujeito cognoscente percebe as coisas como exteriores a si mesmo e exteriores umas à outras que ele forma a noção de espaço; ao contrário, é porque possui o espaço como uma estrutura inerente à sua sensibilidade que o sujeito pode perceber os objetos como relacionados espacialmente. Se pode abstrair todas as coisas que estão no espaço, mas não se pode abstrair o próprio espaço.

**Tempo:** A argumentação em relação ao tempo é fundamentalmente a mesma: a simultaneidade das coisas e sua sucessão não poderiam ser percebidas se a representação do tempo não lhes servisse de fundamento; acrescenta-se a isso o fato de que todas as coisas que se enquadram dentro do tempo podem desaparecer, mas o próprio tempo não pode ser suprimido.

Espaço e tempo representam as condições sem as quais é impossível conhecer. Mas o conhecimento universal e necessário não se esgota neles. É preciso os elementos apriorísticos do entendimento.

Além das formas da sensibilidade, espaço e tempo, Kant afirma haver também o entendimento, que seria uma faculdade da razão. É o entendimento que nos fornece as categorias com as quais podemos operar as sínteses do diverso da experiência.

- Assim, como seriam possíveis juízos sintéticos a priori? **São possíveis porque há uma faculdade da razão - o entendimento - que nos fornece categorias a priori - como causa e efeito - que nos permitem emitir juízos sobre o mundo.**
- Contudo, diz Kant, as categorias são próprias do conhecimento da experiência. Elas não podem ser empregadas fora do campo da experiência. **Daí porque, na filosofia crítica de Kant, não nos é possível conhecer a coisa em si (o incondicionado), ou aquilo que não está no campo fenomenológico da experiência.**

## A Revolução Copernicana de Kant

- Kant denominou a filosofia crítica de “idealismo transcendental”. Apesar da interpretação exata desta frase ser contenciosa, uma maneira de a compreender é através da comparação de Kant, no segundo prefácio à "Crítica da Razão Pura", da filosofia crítica com a revolução copernicana na astronomia.

“(...) tente-se ver uma vez se não progredimos melhor nas tarefas da metafísica admitindo que os objetos têm que se regular pelo nosso conhecimento, o que assim já concorda melhor com a requerida possibilidade de um conhecimento *a priori* dos mesmos que deve estabelecer algo sobre os objetos antes de nos serem dados. O mesmo aconteceu com o primeiros pensamentos de *Copérnico* que, depois das coisas não quererem andar muito bem com a explicação dos movimentos celestes admitindo-se que todo o exército de astros girava em torno do espectador, tentou ver se não seria mais bem-sucedido se deixasse o espectador mover-se e, em contrapartida, os astros em repouso. Na metafísica pode-se então tentar algo similar no que diz respeito à *intuição* dos objetos. Se a intuição tivesse que se regular pela natureza dos objetos, não vejo como se poderia saber algo *a priori* a respeito da última; se porém o objeto (como objeto dos sentidos) se regula pela natureza de nossa faculdade de intuição, posso então representar-me muito bem essa possibilidade.”

**Resumindo:** Antes era o objeto que focava todas as atenções, subvertendo a relação ativa do conhecimento; agora é o sujeito ou as suas estruturas que se tornam o centro privilegiado da relação. *Nesta nova fase será o mundo dos objetos que terá de tomar como referência central o sujeito.*

Kant chama-nos a atenção para a importância do objetos no mundo mas, simultaneamente, dá uma importância decisiva às intuições intelectuais não podendo, no entanto, nenhuma das partes, por si só, fornecer-nos o conhecimento.

# O Impasse Metafísico

- “... das coisas conhecemos *a priori* somente o que nós mesmos colocamos nela.”
- Tal conclusão gera um aparente impasse, qual seja: **jamais podemos ultrapassar os limites da experiência possível o que é justamente a ocupação da metafísica.**
- Kant resolve o problema da seguinte maneira:

“Ora, quando se admite que o nosso conhecimento de experiência se guie pelos objetos como coisas em si mesmas, ocorre que o incondicionado de maneira alguma pode *ser pensado sem contradição*; se contrariamente quando se admite que a nossa representação das coisas como nos são dadas se guie não por estas como coisas em si mesmas, mas que este objetos, como fenômenos, muito antes se guiem pelo nosso modo de representação, ocorre que a *contradição desaparece* [...]”

# Os limites do Conhecimento

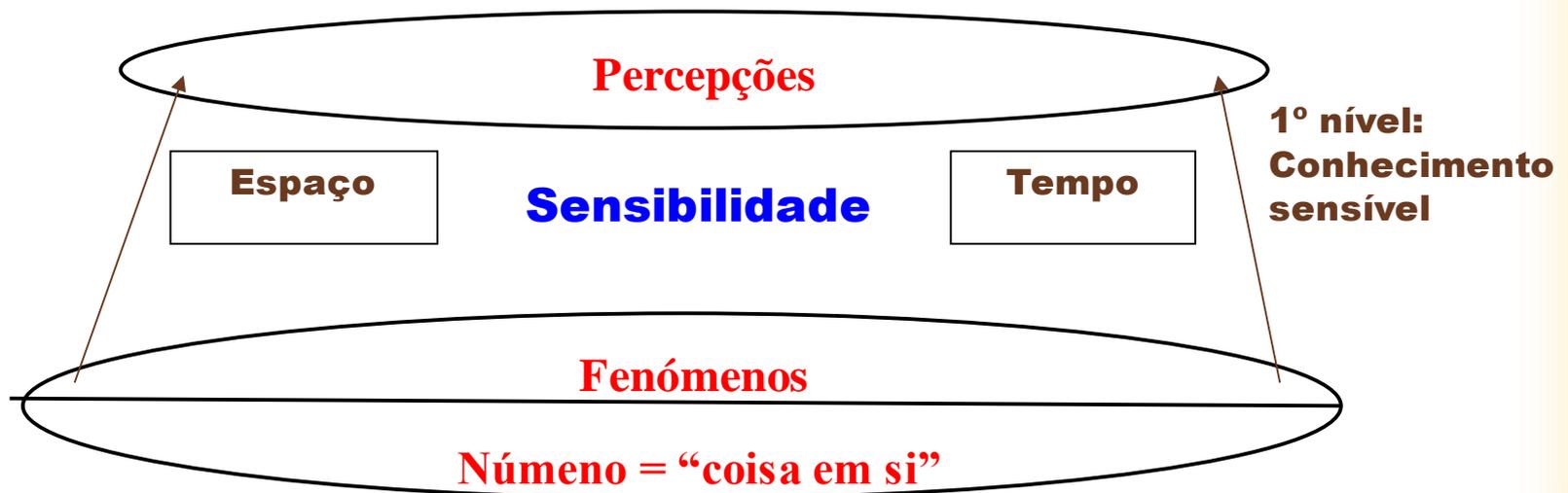
**Resumo:** Da dedução da nossa capacidade de conhecimento *a priori*, na primeira parte da *Metafísica*, extrai-se um resultado insólito e aparentemente muito desfavorável à sua finalidade, da qual trata a segunda parte; ou seja, que deste modo não podemos nunca ultrapassar os limites da experiência possível, o que é precisamente a questão mais essencial desta ciência. Porém, a verdade do resultado que obtemos nesta primeira apreciação do nosso conhecimento racional *a priori* é-nos dada pela contra-prova da experimentação, pelo fato desse conhecimento apenas se referir aos fenômenos e não às coisas em si que, embora em si mesmas reais, se mantêm para nós incognoscíveis. (CRP – Prefácio)

Resultado: Não podemos conhecer o que ultrapassa os limites da experiência, ou seja só podemos conhecer os fenômenos (os objetos tal como nos são dados e nunca as coisas em si). Nos domínios da metafísica é possível *pensar*, mas não é possível *conhecer*.

**Qual é a distinção que Kant estabelece para resolver o problema dos objetos que ultrapassam os limites da experiência possível?**

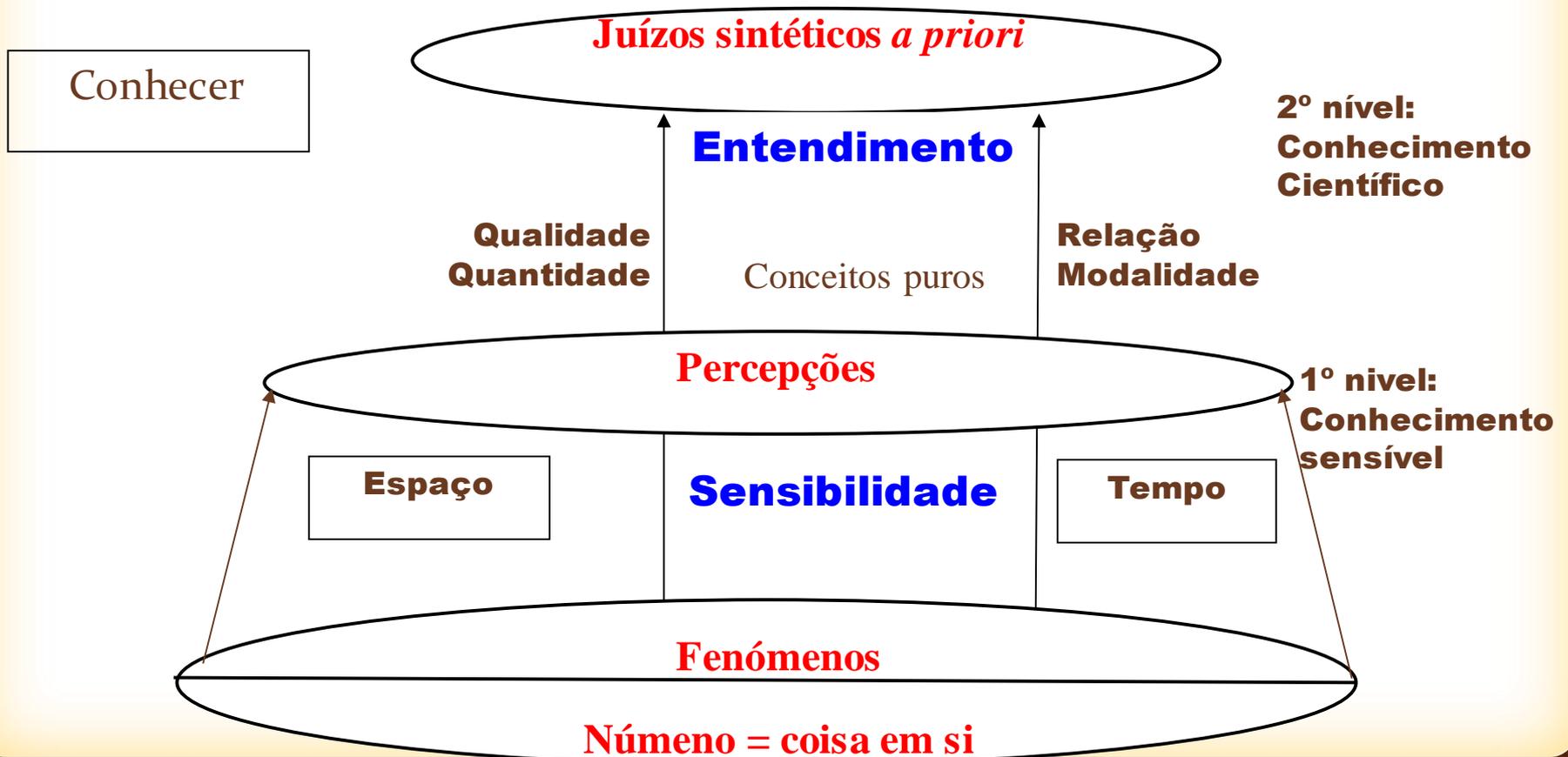
# 1º nível do conhecimento

A construção do conhecimento, numa **primeira fase** - sensibilidade ou receptividade – é feita através desta faculdade que está “equipada” com as intuições puras do espaço e do tempo. Podemos organizar os fenômenos em percepções. A este nível do conhecimento podemos chamar nível da intuição.



# 2º nível do conhecimento

Numa **segunda etapa** - a do entendimento - **os fenômenos estabelecem relações entre si**, organizando as percepções correspondentes, através da faculdade da imaginação, num nível superior que chamaremos de representação ou de conhecimento, **através do auxílio de um conjunto de regras a priori** designadas de categorias - quantidade, qualidade, relação e modalidade. Em sentido próprio só neste momento podemos falar de conhecimento, pois só aqui os objectos são pensados. Este conhecimento será constituído por um conjunto de juízos sintéticos *a priori* que se identificam, na prática, com o conhecimento científico.

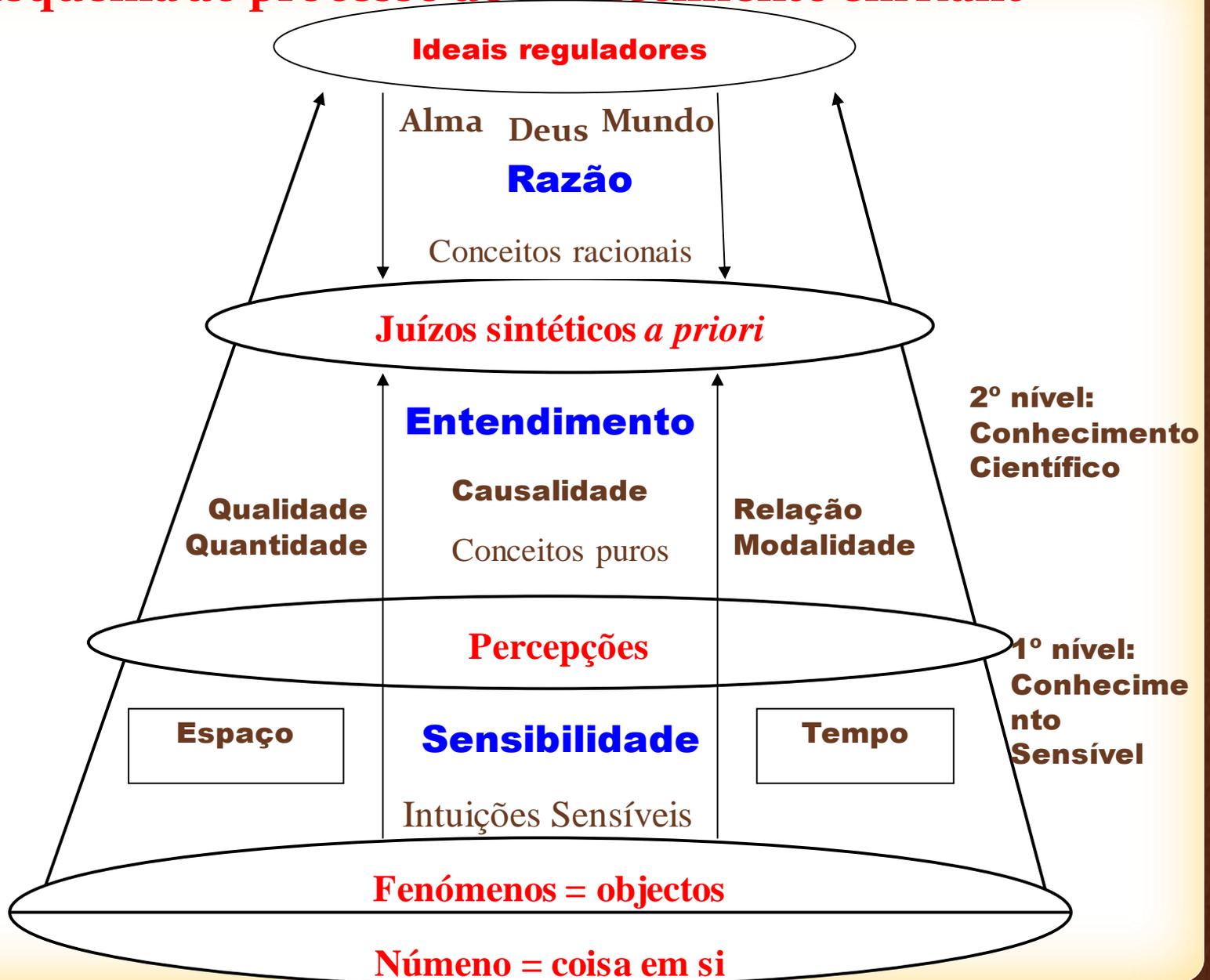


# A razão Pensar



Este edifício não ficaria completo se Kant não pensasse um nível superior completamente metafísico constituído, não por conhecimentos mas, por **um conjunto de ideias reguladoras do qual faz parte a faculdade da razão**. Estes ideais, por oposição à sensibilidade, são perfeitamente vazios, tendo como finalidade estabelecer a unidade racional de todo o conhecimento. **A nível científico, os objectos nunca serão conhecidos em si mesmos (noumeno); só podem mesmo ser conhecidos como algo para nós (como fenómenos) porquanto têm de se submeter a um conjunto de regras ou princípios *a priori*.**

# Esquema do processo de conhecimento em Kant



# Conclusão

“Este ensaio dá resultado e promete o caminho seguro da ciência para a metafísica, na sua primeira parte, que se ocupa de conceitos *a priori*, cujos objectos correspondentes podem ser dados na experiência conforme a esses conceitos. Efetivamente, com a ajuda desta modificação do modo de pensar, pode-se muito bem explicar a possibilidade de um conhecimento *a priori* e, o que é ainda mais, dotar de provas suficientes as leis que *a priori* fundamentam a natureza, tomada como conjunto de objetos da experiência; ambas as coisas eram impossíveis seguindo o processo até agora usado”.

Através destes dois níveis do conhecimento Kant delimita o conhecimento científico às faculdades da sensibilidade e do entendimento, deixando ainda por esclarecer o papel da faculdade da razão no ato de conhecer e de pensar, tarefa da qual se ocupará na *Crítica da Razão Prática*.

---

# *Crítica do Juízo*

---

Trata das noções de beleza, de arte e de finalidade, buscando, desse modo, uma passagem que una o mundo da natureza, submetido à necessidade, ao mundo moral onde reina a liberdade.